

» CB.Agro | REGINALDO MINARÉ | DIRETOR EXECUTIVO DA ABBINS

Executivo elenca as vantagens dos insumos de base biológica: dispensam produtos químicos, combatem pragas, ajudam na nutrição das plantas e reduzem o custo da produção. Inovação, segundo ele, ajuda a melhorar imagem do agro no exterior

“O Brasil lidera os bioinsumos”

» VITÓRIA TORRES*

Os bioinsumos despontam como uma tendência crescente na agricultura, impulsionada pela busca por práticas mais sustentáveis e ambientais. Esses insumos, que têm base biológica, estão ganhando destaque devido aos seus benefícios na saúde do solo, na redução do uso de produtos químicos e no aumento da eficiência agrícola.

O Brasil é líder na adoção de bioinsumos na agricultura, especialmente entre os grandes produtores. Cerca de 10% da área agrícola brasileira já utiliza bioinsumos para o controle de pragas, com forte tendência mundial à agricultura sustentável.

Esse é o panorama apresentado pelo diretor executivo da Associação Brasileira de Bioinsumos (ABBins), Reginaldo Minaré. Em entrevista aos jornalistas Roberto Fonseca e Thays Martins no programa CB.Agro — parceria entre o Correio Braziliense e a TV Brasília — de ontem, o diretor ressaltou que esse pioneirismo tem atraído atenção global e colocado o Brasil na vanguarda da adoção dessas práticas mais ecológicas. Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista.

Por que o bioinsumo é importante?

Os bioinsumos são os insumos utilizados na agricultura e na pecuária que têm base biológica, por exemplo, de microrganismos, fungos, vespas, ácaros e fertilizantes biológicos tradicionais. Tudo isso faz parte do universo de bioinsumos, é tudo que não se confunde com os insumos químicos. A ABBins representa um segmento da indústria moderna de insumos no Brasil, que trabalha apoiando os agricultores, principalmente, aqueles que produzem bioinsumos para o uso próprio em suas propriedades.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Os bioinsumos trazem uma nova roupagem para a agricultura brasileira, sempre muito associada ao uso excessivo de agrotóxicos e químicos. Podemos apresentar uma atividade que está caminhando a passos largos para o universo da sustentabilidade”

Quais são as vantagens de usar os bioinsumos em relação ao agrotóxico?

O agricultor gostou de utilizar os bioinsumos porque a tecnologia funciona, combate pragas efetivamente, ajuda na nutrição de plantas e reduz o custo na produção. Saímos da bolha dos orgânicos ao ampliar o uso de bioinsumos. A grande produção pode se beneficiar muito dos bioinsumos no Brasil. Quem mais amplia o uso de insumos são os grandes produtores. O benefício para o agricultor está nesse universo, mas tem um outro benefício que é para o meio ambiente,

como a melhora da qualidade do solo. O bioinsumo conserva os polinizadores, melhora a qualidade da água e reduz o uso de químicos. É uma transição da agricultura convencional.

O custo é mais barato?

Com certeza. A produção de bioinsumos, para uso próprio, especialmente, para o pequeno agricultor, reduz o custo sobremaneira. O agricultor que compra o bioinsumo pronto para uso gastava aproximadamente R\$ 200 por um litro de produto. Agora, ele produz aquele mesmo produto gastando cerca de R\$ 10 na sua

propriedade. É uma ferramenta que deveria ser incentivada ao máximo no Brasil, não obstruída. Os benefícios são gigantescos.

Como é a participação do Brasil nessa tendência mundial?

O Brasil é a ponta de lança na adoção dos bioinsumos. O país lidera o uso na agricultura, especialmente na grande agricultura. Temos aproximadamente 10% da área brasileira utilizando bioinsumos para o controle de pragas. Isso seria em torno de 10 milhões de hectares. No universo dos fertilizantes, temos cerca de 40

milhões de hectares sendo tratados com os inoculantes, que são bactérias fixadoras de nitrogênio, ajudando a planta a absorver o nitrogênio que tem na atmosfera e o microrganismo que solubiliza o fósforo.

Essa inovação repercute no exterior?

Os bioinsumos trazem uma nova roupagem para a agricultura brasileira, sempre muito associada ao uso excessivo de agrotóxicos e químicos. Podemos apresentar a agricultura brasileira como uma atividade que está caminhando a passos largos para

o universo de uma sustentabilidade gigantesca.

Como está a discussão no Congresso?

A discussão no Congresso começou de uma forma mais objetiva em 2021, com apresentação de dois projetos de lei — um no Senado e o outro na Câmara. Recentemente, o Senado aprovou o projeto de Lei dos Agrotóxicos, e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) sancionou. Contudo, a Lei de Agrotóxicos atual tem alguns equívocos. O Senado deixou ficar no texto uma parte que deveria ter saído, que faz menção aos bioinsumos, tecnicamente chamados de produtos fitossanitários. Caso fique como está, ela prejudicará sobremaneira a produção de bioinsumos, especialmente a produção de insumos para uso próprio.

É preciso separar bioinsumos de agrotóxicos na proposta?

Estamos trabalhando na Câmara dos Deputados para que, na votação do PL de Bioinsumos, seja inserido um artigo corrigindo aquelas falhas que ficaram na PL dos Agrotóxicos. Se a Câmara fizer isso teremos, duas legislações, uma tratando dos agrotóxicos químicos e outra tratando, especificamente, dos bioinsumos. É o que entendemos como a forma mais racional e objetiva de regulamentar esses dois produtos, que são absolutamente distintos, um tem matriz da ciência química, e o outro tem matriz da ciência biológica.

O que pode acontecer se não alterarem a Lei dos Agrotóxicos?

Se a Lei dos Agrotóxicos não for modificada, criará uma enorme confusão jurídica. Você vai ter uma lei de Agrotóxicos dizendo que o produto biológico é um agrotóxico, e isso é contraditório. Por isso, esperamos que a Câmara, ao aprovar o projeto de bioinsumos, faça essa correção.

*Estagiária sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza

BNDES amplia crédito para proteger produtores do dólar

» RAFAELA GONÇALVES

O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) anunciou uma série de medidas para ampliar o alcance dos empréstimos ao agronegócio. Haverá um aumento de R\$ 4 bilhões na linha em dólar para o setor agropecuário, que passa a ser o equivalente a R\$ 8 bilhões.

De acordo com a instituição financeira, o objetivo é trazer mais segurança aos produtores que atuam no mercado externo para não ficarem expostos à variação do câmbio. “Essas iniciativas reforçam o apoio via cooperativas

de crédito e ampliam recursos para linha BNDES Crédito Rural com taxa fixa em dólar, estimulando a realização de investimentos e a competitividade no setor, especialmente junto a pequenos empresários e produtores rurais. Com o BNDES, o agro pode mais”, disse o presidente do banco estatal, Aloizio Mercadante, em comunicado à imprensa.

Outra mudança é o alcance do Procapcred, programa voltado para o fortalecimento da estrutura patrimonial das cooperativas de crédito do país. A linha recebeu uma nova dotação de R\$ 2 bilhões, estendendo seu prazo de

vigência até o final de 2025. “Esse recurso multiplica a capacidade em aproximadamente nove vezes, ou seja, a cada bilhão que o BNDES está colocando, ele está viabilizando 9 bilhões de crédito”, apontou o diretor financeiro do banco, Alexandre Abreu.

Agora, o programa, destinado a fortalecer a estrutura patrimonial das cooperativas de crédito, passa a abranger qualquer cooperado pessoa física de uma cooperativa de crédito ou banco cooperativo residente e domiciliado no Brasil.

Além disso, o limite de financiamento foi elevado de R\$ 30

mil para até R\$ 100 mil a cada dois anos por cliente. Também houve redução nas taxas e extensões dos prazos, com condições específicas para cooperados das regiões Norte e Nordeste, visando facilitar o acesso ao crédito nessas áreas.

As cooperativas de crédito dobraram sua participação no mercado de crédito nacional nos últimos cinco anos, contando com uma carteira que, em junho de 2023, somava cerca de R\$ 350 bilhões, segundo dados da Confederação Brasileira das Cooperativas de Crédito (Confabras). Ao todo, mais de 780 cooperativas

singulares atuam, hoje, no país.

Elas representam 7% do mercado de crédito e são responsáveis por intermediar cerca de 58% do apoio dos recursos ofertados pelo BNDES ao segmento de micro e pequenas empresas. A expectativa é de que a ampliação fortaleça a capitalização, ajudando a promover a desconcentração bancária e o acesso a crédito com melhores condições.

Captação

O banco de fomento estatal retomou a captação por Letras de Crédito do Agronegócio (LCA)

— investimento de renda fixa em uma carteira de empréstimos. Foi a primeira realizada pelo desde 2016 e teve demanda quatro vezes superior ao valor ofertado. A modalidade somou captação de R\$ 808 milhões e deve reforçar os recursos do BNDES destinados ao financiamento de investimentos na atividade agropecuária.

Os fundos provenientes dessas captações conferem ao banco a capacidade de oferecer taxas competitivas ao setor agropecuário, ampliando, assim, o acesso ao crédito e fomentando o desenvolvimento sustentável no campo.

CONJUNTURA

Indústria reage e aponta otimismo

A produção industrial apresentou alta de 1,1% em dezembro, no quinto mês consecutivo de crescimento. Segundo os dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no cálculo acumulado, o indicador encerrou o ano de 2023 com variação positiva de 0,2%.

O saldo do ano veio melhor do que em 2022, quando a indústria fechou com queda de 0,7%. A melhora da atividade em dezembro não foi capaz de eliminar o desempenho negativo ao longo do ano. Somente nove dos 25 ramos mostraram crescimento na produção.

O resultado surpreendente de 2023 foi puxado predominantemente pelas indústrias extrativas

— cujo crescimento é sustentado pela produção de petróleo e de minério de ferro. Outro destaque ficou por conta dos produtos alimentícios. Já entre as atividades com indicadores negativos, constam veículos automotores, produtos químicos, máquinas e equipamentos, aparelhos e materiais elétricos e equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos.

Segundo André Macedo, gerente da Pesquisa Industrial Mensal, é possível observar dois períodos distintos ao avaliar o desempenho em 2023. “O primeiro semestre foi marcado por um comportamento predominantemente negativo da indústria geral, com uma queda de 0,3% no período. Já no segundo semestre, há, claramente, uma

melhora de ritmo na produção industrial, resultando num crescimento de 0,5%”, destacou.

Indicadores

O gerente da pesquisa afirmou que o ganho de fôlego pode ser atribuído pela gradual melhora dos indicadores macroeconômicos e de emprego e renda. “Esse avanço recente da produção industrial pode ser explicado pelo comportamento positivo do mercado de trabalho, com redução na taxa de desocupação e aumento na massa de rendimentos; e por uma inflação em patamares mais controlados, especialmente no segmento de produtos alimentícios”, disse.

Macedo reforçou ainda a contribuição positiva das exportações,

especialmente no que se refere às commodities. “Também se observa, ao longo do ano, o início da flexibilização na política monetária com a redução na taxa de juros. São fatores importantes para se entender o movimento recente da indústria para o campo positivo. Mas vale a ressalva que é um resultado muito próximo da estabilidade”, completou.

Na última semana, o governo anunciou uma nova política industrial, com previsão de destinar R\$ 300 bilhões para financiamentos destinados ao programa até 2026. O objetivo é estimular o desenvolvimento produtivo e tecnológico, ampliar a competitividade da indústria brasileira e impulsionar a geração de emprego e renda.

Segundo o economista da PicPay, Igor Cadilhac, as

Reprodução



Extração de petróleo ajudou para o crescimento da indústria em 2023

perspectivas para o setor, que vem sofrendo em patamares baixos desde a pandemia, são boas em 2024. “O governo tem promovido políticas de estímulos à atividade econômica, que podem incentivar

a indústria. Mas, as preocupações que colocam um viés baixista seguem. A economia global com menor crescimento, os juros altos e alto comprometimento de renda das famílias”, avaliou. (RG)